

## A pesquisa psicopatológica na Universidade\*

Edilene Freire de Queiroz

*O presente trabalho visa discutir a pesquisa psicopatológica partindo de um posicionamento epistemológico da psicanálise e da psicopatologia. Para tanto se apóia na distinção de dois campos: o campo da realidade objetiva e o campo da realidade psíquica ou subjetiva. O primeiro, pertinente à tradição da ciência, tão presente no espaço da academia e, o segundo, como próprio das ciências que tentam dar conta do psicopatológico. À luz de dois textos de Freud, "A negação" e "Construções em análise", estende esta discussão ao campo da representação.*

**Palavras-chave:** Psicopatologia, ciência, Freud, representação.

\* Versão modificada do trabalho apresentado no IV Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental, em 25 de abril de 1999.

---

## Introdução

A proposta de discutir a pesquisa psicopatológica na Universidade é bastante instigante, pois exige um posicionamento epistemológico constante que dê conta, de um lado, da especificidade da clínica psicanalítica e, de outro, do espaço da academia e do discurso universitário, cujo modelo, na maioria das vezes, está associado a práticas investigativas que levam a generalizações e universalizações.

O recorte que pretendo fazer repousa na distinção de dois campos: o campo da realidade objetiva e o da realidade psíquica ou subjetiva, e em que medida o segundo pode contribuir para o debate da ciência hoje.

Início fazendo algumas reflexões a respeito do lugar epistemológico da psicanálise e da psicopatologia para, em seguida, à luz de dois textos de Freud, “A negação” (1925) e “Construções em análise” (1937), estender esta discussão ao campo da representação, da forma como venho trabalhando na pesquisa sobre o *Discurso Perverso*.

### A psicanálise, a psicopatologia e a ciência

Estabelecer o campo de pesquisa de uma disciplina é sempre tarefa difícil, considerando que na maioria das vezes o trabalho de investigação exige interface com outras disciplinas. Estabelecer o campo da pesquisa psicopatológica parece ser tarefa mais difícil ainda, sobretudo quando se deseja abordar a pesquisa psicopatológica psicanalítica. Diferente da psiquiatria que, a partir

da observação de sintomas, estabeleceu um estudo descritivo e classificatório das doenças mentais, a psicanálise procurou buscar uma explicação delas, tomando como referência o que cada sujeito podia revelar da sua subjetividade, através do discurso, e, a partir daí, construiu uma nosografia propriamente psicanalítica. Segundo Fédida:

A psicanálise se alinha, inicialmente, com o ponto de vista de uma psicopatologia empírica clássica que faz do sintoma “o ponto de partida da observação”. Mas dividindo o sintoma e reduzindo o peso do patológico para a psicologia, Freud alerta o clínico para o “fato de estar consciente” do sintoma, para seu estatuto de *consciência*, e convida, em vista de uma *psicologia do inconsciente*, a conceber que se possa *emancipar* do sintoma, sem para isso esquecê-lo ou negligenciá-lo. É por isto que a metapsicologia considerará simultaneamente uma abordagem descritiva direta (em consciência) e uma abordagem que leva em conta *sistemas tópicos* (supondo, *a priori*, um conhecimento).<sup>1</sup>

A psicanálise sempre esteve mais preocupada em configurar uma clínica dentro dos parâmetros metapsicológicos e criar uma teoria do aparelho psíquico e dos fenômenos psicopatológicos, respaldada numa realidade que nada tem de objetivável, haja vista que o psiquismo humano não é um objeto observável em si, a não ser pelos seus efeitos.

98

O fato de o psiquismo não ser observável diretamente coloca, de saída, um problema tanto para a psicanálise quanto para a psicopatologia, no que se refere à delimitação do campo epistemológico, pois o paradigma experimental herdado do positivismo, que dominou grande parte do pensamento científico, repousa justamente na apreensão direta dos fatos na qual o objeto percebido deve guardar uma identidade com o objeto real.

A psicopatologia, enquanto disciplina independente da psicanálise, deteve-se na descrição fenomenológica de sintomas e síndromes, classificando-os em quadros psicopatológicos a partir da observação de alterações e desvios de um estado normal, quer da afetividade, quer da consciência, quer da memória, quer da linguagem. O estudo fenomenológico de Kraepelin, de Karl Jaspers e tantos outros, representam uma contribuição significativa nesta linha. Neste sentido a psicopatologia se manteve mais próxima do paradigma acima referido.

Mas a psicanálise estendeu sua reflexão para além do fenômeno observável, relativizando a própria existência real do objeto, a realidade objetiva, uma vez que no aparelho psíquico estão as representações de objetos. Considerou, portanto, que na perspectiva do aparelho psíquico os campos da objetividade e da subjetividade

1. Pierre Fédida & Patrick Lacoste. “Psicopatologia/Metapsicologia. A função dos pontos de vista”, in *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, Vol. I, n.º 2, julho de 1998, p. 26.

se confundem numa realidade psíquica. Da mesma forma, levando em conta a especificidade do seu campo investigativo, ou seja, o espaço transferencial, constatou a impossibilidade de delimitar o par sujeito/objeto, visto que nesse espaço o que há é interação entre sujeitos. Neste sentido nenhum sujeito pode ser tomado, como objeto de investigação, fora desta interação com outro sujeito, ficando também implicado aquele que observa.

A perspectiva tomada pela Psicopatologia Fundamental aproxima-se mais da perspectiva freudiana. Uma nova leitura é proposta para o termo psicopatologia deixando de lado o significado de estudo classificatório, empreendido pela Psicopatologia Geral, para dar lugar a uma interpretação da psico/pato/logia que nos reenvia ao sentido original do termo *pathos* dos gregos, que significa sofrimento e paixão, agentes que afetam o sujeito. O termo psico/pato/logia passa, então, a ser definido como o conhecimento do psiquismo através do *pathos*. Isto reacende não só o sentido grego da construção da experiência humana através do *pathos*, como nos leva a conjecturar que tudo o que é psíquico é psicopatológico, semelhante à posição defendida por Freud ao descobrir uma psicopatologia da vida cotidiana. Aliás, como lembra muito bem Fédida, “é sob o título de *Psicopatologia da vida cotidiana*, que o nome ‘metapsicologia’ aparece”<sup>2</sup>. Termo que confere à psicopatologia freudiana um estatuto próprio. Comenta Zeferino Rocha que é nesse livro que Freud apresenta a metapsicologia como a tradução científica de uma psicomitologia ou metafísica. O termo já havia aparecido antes em correspondência com Fliess (Carta 84 de 10 de março de 1898).

Indago se a Psicopatologia Fundamental não surgiu como um espaço de interface da psicanálise com a psicopatologia, a neurociência e demais ciências, que tentam dar conta do psicopatológico. Podemos dizer que ela habita a psicanálise, mas não é a psicanálise. A psicanálise, enquanto ciência do inconsciente, abrange uma gama de conceitos metapsicológicos e constructos teóricos nos quais a psicopatologia figura como uma das possibilidades de acesso ao conhecimento do aparelho psíquico. O termo fundamental não é interpretado no sentido de encontrar o fundamento das coisas, como faz a metafísica, mas no de transpor o sentido corriqueiro para se reportar a uma realidade supra-sensível do aparelho psíquico, uma realidade que já está presente no sentido grego do termo *pathos*, como já nos referimos acima. Este modo de interpretar a psicopatologia permite a coexistência do *logos* e do *mythos*, da teoria e da clínica, do normal e do patológico, ampliando o espaço dialógico da psicopatologia onde a perspectiva metapsicológica da psicanálise possa se fazer presente.

2. Op. cit., p. 36.

A questão do objeto, do método e da verdade são pontos basilares para a definição da cientificidade de qualquer disciplina. No dizer de Althusser<sup>3</sup>, a psicanálise possui as três condições fundamentais que identificam uma ciência, ou seja, possui um objeto, um método e um corpo teórico. Entretanto, estas condições em nada se assemelham aos caminhos que as demais ciências têm tomado para formalizá-las, o que faz da psicanálise uma filha bastarda da ciência. Este é um debate antigo que se arrasta desde o surgimento da psicanálise, e, ao que parece, não terá fim. Ela vem se mantendo nesta posição de filha bastarda da ciência, em grande parte por culpa dos próprios psicanalistas que, tentando preservar a especificidade da psicanálise, a segregaram do convívio com as demais ciências. Em grande parte também, por se ocupar mais com as questões ligadas à sua transmissão. A preocupação de Freud de que com a Primeira Guerra ele pudesse vir a desaparecer, e portanto morrer a psicanálise, se manteve presente no seu pensamento por muito tempo, influenciando o caminho seguido pelos seus discípulos que preferiram dar mais atenção à transmissão e à difusão dela, de modo a garantir sua permanência, do que a investir na definição de um campo de pesquisa. Multiplicaram-se os comitês e institutos de psicanálise no mundo inteiro, todos preocupados com a formação de psicanalistas e com a transmissão. Isto não quer dizer que, paralelamente, não tivesse havido um investimento na produção do conhecimento. A existência de uma vasta literatura psicanalítica prova o contrário. A omissão se deu, contudo, no que se refere à definição de um campo epistemológico que a colocasse em condições de diálogo com as demais ciências. Isto só passou a inquietar os psicanalistas, quando a psicanálise ganhou espaço nos meios acadêmicos, sobretudo quando ela passou a ser reconhecida, nas Universidades, como uma disciplina. A partir de 1953, Lacan, através do seu ensino, tentou delinear o campo epistemológico da psicanálise, mais especificamente o campo epistemológico freudiano, destacando que seu objeto era o inconsciente. Em 1969 Jean Laplanche introduziu o ensino da psicanálise na Universidade de Paris VII, mas foi somente no fim da década de 80 (1987) que ele discorreu, mais claramente, sobre os fundamentos e sobre a epistemologia freudiana, destacando os lugares da teoria e da clínica. Todo este esforço estimulou e preparou o terreno para que na década de 90 este debate se tornasse mais vivo e até necessário para a sobrevivência da psicanálise. Temos conhecimento de alguns trabalhos e debates interessantes que se direcionam para esta questão como, por exemplo, a tese do Prof. Caon (1993); a coletânea dirigida por Didier Anzieu, que reúne trabalhos de Castoriadis, Henriquez, André Green e outros, sobre o tema “O inconsciente e a ciência” (1995); um debate promovido pela PUC-SP, em 1994, sobre

3. Louis Althusser. *Freud e Lacan. Marx e Freud: introdução crítica-histórica/Louis Althusser*. Trad. de Walter José Evangelista. Rio de Janeiro, Graal, 1984.

a pesquisa acadêmica em psicanálise este Congresso, que reacende anualmente este debate, e a *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental* lançada no ano passado.

O fato de ela ser uma ciência que trabalha com a singularidade de cada sujeito, faz com que seja vista por muitos como uma ciência do singular. Isto a torna vulnerável a críticas ferrenhas. Podemos até refutar este argumento, como assim faz Vera Stela Telles<sup>4</sup>, afirmando que “na apreensão do singular aparecem os universais, tanto os psicológicos como os metapsicológicos”, e ainda que, ao estabelecer uma teoria, de um modo ou de outro, transforma-se este singular numa combinatória de elementos absolutamente formais e se estabelecem os invariantes. Mas esta refutação não minimiza a existência de outros problemas, ainda insolúveis sob a ótica da comunidade científica. Um deles é o de esclarecer qual o estatuto do objeto para a psicanálise, quando este não pode ser apreendido diretamente e sim pelos seus efeitos. Refuta-se, assim, uma questão e cai-se noutra. Enveredar por este caminho só faz acirrar as disputas e as posições defensivas. André Green<sup>5</sup> comenta que tem se passado de uma posição intransigente para uma atitude ofensiva, com relação àquelas disciplinas de domínio ainda jovem, como é o caso da psicanálise.

Desse modo, em nada adianta acumular provas da sua cientificidade, e deve-se até mesmo questionar qual o valor disto para o desenvolvimento e respeitabilidade da psicanálise. A questão que se coloca hoje não repousa mais em verificar se a psicanálise merece ou não o estatuto de ciência, mas a de verificar em que medida, dada a especificidade de seu objeto e método, ela pode contribuir para o conhecimento do humano, sobretudo naqueles pontos reconhecidos pela ciência, como impasses. Um deles diz respeito à questão do sujeito. Na perspectiva psicanalítica, “toda objetividade de um objeto é relativa ao sujeito que a representa”<sup>6</sup> o que relativiza o conhecimento científico em função daquele que o produz. Portanto, convencer empiristas, refutacionistas ou mesmo construtivistas, da cientificidade da psicanálise é um debate estéril e ultrapassado, pois, no dizer de Naomar de Almeida Filho<sup>7</sup>, uma longa linhagem de filósofos modernos tenta desenvolver o problema do conhecimento científico para além da empiria e toma a metafísica como elemento fundamental para a construção teórica na ciência.

4. Vera Stela Telles. “Ciência e psicanálise: problemas”. *Revista IDE*, vol. 14, 1987, p. 40.
5. André Green. “Méconnaissance de l’inconscient (science et psychanalyse)”, in *L’inconscient et la science*, Collection Inconscient et Culture, dirigida por René Kaës e Didier Anzieu. Paris, Dunod, 1995.
6. “... toute objectivité d’un objet est relative au sujet qui le représente...” (A. Ciccone, *L’observation clinique*, Les topos. Paris, Dunod, 1998, p. 60).
7. Naomar Almeida Filho. *A clínica e a epidemiologia*. Salvador, Abrasco, 1997, p. 27.

As epistemologias construtivistas repousam, portanto, sobre os princípios de representabilidade: o real não existe mais em si, independentemente do sujeito que declara percebê-lo ou observá-lo; não há mais realidade do real e sim representação da experiência do real; o conhecimento não é mais a descoberta das necessidades ou das evidências, mas a atualização de possíveis ou a criação de novas possibilidades para ação da inteligência (como o concebeu Piaget, 1937). O construtivismo repousa sobre os princípios de interação sujeito/objeto: não há mais dualismo sujeito/objeto, mas interação. (tradução nossa)<sup>8</sup>

Este novo olhar construtivista da ciência abre um espaço para discussões importantes sobre a subjetividade do observador e a relatividade da objetividade, espaço em que a psicanálise tem muito a contribuir. “Ela poderá estender o universo da ciência para o próprio Sujeito, tomado enquanto tal, na sua relação com o Objeto”<sup>9</sup>.

Sirvo-me então do conceito metapsicológico de representação para fazer algumas reflexões em torno do objeto da psicanálise.

### Processo de representação

102

Para a psicanálise, que trabalha com as representações de objetos, a realidade psíquica se confunde, desde o início, com a realidade concreta, pois ela considera sob um mesmo plano, a realidade e a fantasia, não fazendo uma distinção entre o estatuto do real ou do fantasmático, entre a origem externa ou interna do acontecimento, como assim comenta Ciccone.<sup>10</sup> Quer os acontecimentos sejam reais, quer sejam fantasmáticos, a nível da realidade psíquica seus efeitos são idênticos. Portanto, a realidade psíquica está constituída de desejos e fantasias conscientes e inconscientes, também de emoções, de afetos, mas sobretudo de percepções e representações de objetos que constituem o mundo interno do sujeito, observáveis na clínica psicanalítica através da transferência e com o suporte do método da associação livre. O psiquismo não é observável em si, senão através dos seus efeitos

8. “Les épistémologies constructivistes reposent donc sur des principes de représentabilité: le réel n’existe plus en soi, indépendamment du sujet qui déclare le percevoir ou l’observer; il n’y a plus réalité du réel, mais représentation de l’expérience du réel; la connaissance n’est plus la découverte des nécessités ou des évidences, mas l’actualisation des possibles ou la création de nouveaux possibles par action de l’intelligence (comme le conçoit Piaget, 1937). Le constructivisme repose sur des principes d’interaction sujet/objet: i n’y a plus dualisme sujet/objet, mais interaction.” (A. Ciccone, op. cit., p. 21)

9. V. S. Telles. Op. cit, p. 39.

10. A. Ciccone. Op. cit p. 58.

e de seus processos como os sintomas, atos falhos, sonhos. São estes “restos” que tornam possível a inteligibilidade da subjetividade do sujeito.

Desejo então tecer alguns comentários sobre as questões acima levantadas, à luz de dois textos de Freud – “A negação” (1925) e “Construções em análise” (1937) – pois, em ambos, Freud trata a questão da objetividade/subjetividade repousando-a na atividade de representação. O contato mais de perto com estes textos (mais precisamente o primeiro) foi provocado pelo interesse em compreender qual o sentido da negação expressa na frase “a neurose é o negativo da perversão”. Tenho perseverado nesta questão por considerá-la fundamental para a compreensão metapsicológica do discurso perverso<sup>11</sup>, tema que venho trabalhando. Em outros textos, tento estabelecer uma relação entre este tipo de discurso e a *Verleugnung*.

Mas antes de trazer para o centro desta discussão as reflexões que venho fazendo, a partir de observações clínicas sobre este tipo de discurso, gostaria de iniciar trazendo um comentário de Albert Ciccone sobre o texto “A negação”, de Freud, que diz o seguinte:

Freud (em “A negação”, 1925) definiu o subjetivo como repousando sobre a atividade de *representação*: o subjetivo é o real dentro, o real representado dentro. Pode-se definir a subjetividade, do ponto de vista da psicologia clínica, como caracterizando a apropriação pelo sujeito de suas experiências, experiência de si e experiências do mundo. A subjetividade reenvia, portanto, ao *sentido* e à *simbolização*. Ela traduz para o sujeito o sentido de suas experiências, o sentido que toma para ele o reencontro com o mundo e com ele mesmo. A subjetividade e a constituição do sentido, dito de outro modo, o trabalho de simbolização (R. Roussillon, 1995), remetem, portanto, à maneira pela qual o sujeito se apropria das experiências, se apropria do mundo. A subjetividade traduz o modo pelo qual o *em si* torna-se o *para si*, o modo pelo qual o sujeito constrói sua identidade, o modo pelo qual o sujeito torna-se sujeito de si mesmo... (tradução nossa)<sup>12</sup>

11. A recorrência a este termo adveio por supor que este tipo de discurso se dá como efeito da função do desmentido, um mecanismo identificado por Freud como sendo próprio do perverso.
12. “ Freud (in La négation, 1925) définit le subjectif comme reposant sur l’activité de *représentation*: le subjectif est le réel au-dedans, le réel représenté au-dedans. On peut définir la subjectivité, du point de vue de la psychologie clinique, comme caractérisant l’appropriation par le sujet de ses expériences, expérience de soi et expériences du monde. La subjectivité renvoie donc au *sens* et à la *symbolisation*. Elle traduit pour le sujet le sens de ses expériences, le sens que prend pour lui la rencontre avec le monde et avec lui-même. La subjectivité et la constitution du sens, autrement dit le travail de symbolisation (R.Roussillon, 1995), renvoient donc à la façon dont le sujet s’approprie les expériences, s’approprie le monde. La subjectivité traduit la façon dont *l’en-si* devient du *pour-soi*, la façon dont le sujet construit son identité, la façon dont le sujet devient sujet de lui-même...” (A. Ciccone, op. cit., p. 59)



Ciccone, ao destacar a construção da subjetividade pela atividade de representação, mostra um certo estado de opacidade em que se encontra a objetividade, à medida que o produto de qualquer atividade perceptiva passará inevitavelmente pela atividade de representação. Para compreender melhor esta questão é preciso observar os passos por que passa um objeto desde a sua apreensão pelo sistema perceptivo até sua inscrição no sistema de representação.

Como já afirmei anteriormente, ao tentar compreender o discurso perverso, precisei trabalhar o sentido de negação em Freud e, ao fazê-lo, procurei distinguir as possibilidades de negação por que passa o objeto, desde a sua apreensão pelo sistema perceptivo até a sua representação. Trago-as para este contexto acreditando que elas poderão ajudar a esclarecer a questão da objetividade/subjetividade. Quando nada, elas servirão para ilustrar o tema desta comunicação, por se tratar, creio eu, de uma pesquisa no campo da psicopatologia fundamental.

Trata-se de um discurso com características bastantes peculiares que, no nosso entender, denuncia uma falha no mecanismo da representação dificultando a representação do vivido em palavra, ou, melhor dizendo, dificultando a significação da experiência. Mesmo nos casos em que a representação em palavra tem êxito, esta palavra adquire mais função de mostraçã, de apresentaçã, do que de representaçã, com se aí faltasse a mediaçã de um representante, o representante da representaçã, como se aí faltasse a operaçã metafórica, necessária a qualquer construçã de sentido. Tem-se a impressã, então, de se estar diante de um discurso imagético onde a imagem parece ficar chapada na palavra. A palavra parece perder seu caráter polissêmico o que faz então o discurso adquirir essa característica.

Sabemos que qualquer inscrição no aparelho psíquico se dá em dois tempos: o tempo da *Bejahung*, o tempo de afirmar a existência de algo, seguido do tempo da *Verneinung*, o tempo de negar a existência, para então, num movimento de *après coup* (*nachträglich*) poder reafirmar a existência de algo. No tempo da negação, devemos considerar pelo menos duas possibilidades de negação necessárias à construçã de qualquer representaçã.

A primeira negação, identificada por Freud como a *Verleugnung*, normalmente traduzida por desmentido, se dá a nível do sistema perceptivo e a segunda, a *Verdrängung*, traduzida por recalque, estaria ligada ao sistema de representaçã. A segunda supõe, naturalmente, a passagem pelo sistema perceptivo pois, para Freud, “todas as representações provêm de percepções”.<sup>13</sup> Há ainda uma terceira negação,

13. “... todas las representaciones provienen de percepciones, son repeticiones de estas. Por lo tanto, originariamente ya la existencia misma de la representación es una carta de ciudadanía que acredita la realidad de lo representado.” (Sigmund Freud. “La negación”, in *Obras Completas*, vol. XIX, Buenos Aires, Amorrortu, 1996, p. 255).

a *Verneinung*, presente na função de julgamento, que atua na passagem do material recalcado à consciência. Ela permite uma certa iniciação na tomada de consciência do recalçamento, sem que o sujeito aceite o seu conteúdo.

Toda a literatura psicanalítica sobre a perversão refere que, nestes casos, ocorre uma falha na função de recalçamento e, portanto, uma falha na segunda negação, o que podemos deduzir que a negação fica a nível da primeira, a nível do sistema perceptivo. O material percebido é negado, ou seja, é desmentido, e se faz representar sem a interferência da segunda negação, a que se dá a nível do sistema representativo. Conseqüentemente, a terceira negação, não pode ocorrer, comprometendo a função de julgamento. Disso podemos inferir que advêm duas conseqüências significativas:

- Primeiro, estando comprometida a função de julgamento, o pensamento pode se transformar, mais facilmente, em ação, como se houvesse um encurtamento do espaço entre a fantasia e o ato.
- Segundo, observamos que nesses discursos, que supomos efeitos desta operação de representação falhada, há uma espécie de colagem da imagem no significante, como se a palavra adquirisse mais a função de mostraçãõ do que de representação, de dito. Comparativamente, podemos dizer que ocorre com este tipo de discurso o equivalente ao que ocorre com o ato obsceno. Este último mostra o que há além da cena revelando o privado, e o primeiro, que chamo de discurso perverso, revela o que há aquém da palavra, ou seja, a imagem.

Retomo então a noção de *Verleugnung*, como mecanismo básico do perverso. Nesta forma de negação há uma espécie de contradição intrínseca presente no próprio sentido desta palavra alemã; o desmentido se dá pela coexistência de duas impressões contraditórias, que se inscrevem, ao mesmo tempo, a nível do sistema perceptivo. Em outras palavras, ouve-se uma coisa e vê-se outra.

Num trabalho recente em que discuto o lugar do corpo na organização perversa, observo que a noção de *Verleugnung* nos ajuda a pensar o tempo que antecede ao recalque, ou seja, o momento anterior à constituição neurótica e a considerar a perversão como uma organização que mostra mais claramente este momento entre o percebido e o representado. Desse modo, uma interpretação possível da frase “a neurose é o negativo da perversão” é a de que, na neurose, possa haver uma negação dupla, a nível dos dois sistemas – sistema perceptivo e sistema de representação – e na perversão ocorre apenas no primeiro sistema.

Penso que neste contexto o significante fica comprometido na sua função de representar. O efeito disto é a produção de um discurso no qual se tenta encenar com as palavras. Tem-se a impressão de que as palavras deslizam metonimicamente sem ponto de ancoragem numa significação, semelhante ao que observamos nos textos de Sade. Lá os discursos são construídos de modo a dizer tudo o que se faz, e enunciam o que se vai fazer de modo que o diálogo nunca se interrompe produzindo, assim, um insistente movimento de palavra. Os discursos que venho

observando na clínica, guarda esta mesma característica. A linguagem parece ser meramente denotativa, semelhante ao que Eliane Robert Moraes comenta sobre o discurso perverso em Sade, ou seja, trata-se de “um discurso descritivo e não de um discurso próprio, porque a metáfora não entra senão enquanto metamorfose do corpo”.<sup>14</sup>

Estou cada vez mais inclinada a pensar que esta maneira de dizer, ou essa fenomenologia da linguagem, do mesmo modo que certos signos, tem valor de índice, e, como tal, deve ser encarada como um dos efeitos da função do desmentido.

Do ponto de vista da pesquisa e da observação clínica, as especulações em torno deste tipo de discurso vêm, de um lado, corroborar a idéia de que o objeto, para a psicanálise, é sempre algo representado pelo sujeito e, portanto, o conhecimento dele é uma representação que implica elaborações complexas como as que verificamos acima. E, de outro, vêm mostrar que a forma como o objeto se faz representar para este tipo de sujeito, o coloca mais próximo do objeto percebido. Como conseqüência, o discurso parece refletir o empenho frenético do sujeito em objetivar (substancializar) a experiência, pois falhando a segunda negação, falha também o conhecimento pela representação, prevalecendo a apresentação.

Ora, esta parece ser o ideal científico presente no discurso da ciência. Tanto num discurso quanto no outro, o sujeito não está implicado. Freud comparava as atividades do pequeno perverso polimorfo às atividades empreendidas pelos cientistas e via na primeira a raiz da segunda.

Finalizando, podemos dizer que da mesma forma que a noção de conhecimento como representação ajudou Freud a descobrir o sentido interno dos fenômenos psicopatológicos, não dissociando-os da própria experiência vivida pelo sujeito, a pesquisa sobre estes fenômenos psicopatológicos ajuda a compreender a questão da objetividade/subjetividade, ponto tão polêmico para as ciências. Concordando com Ciccone podemos dizer que “se a noção de subjetividade dá conta do nível de apropriação para o sujeito de suas próprias experiências, ela reenvia também ao modo pela qual a objetividade surge para o sujeito”<sup>15</sup>. Assim, entendemos que para Freud a objetividade se constrói ao mesmo tempo que a subjetividade, pois, num mesmo movimento de subjetivação, de apropriação, se diferencia e se constitui a objetividade, se diferencia e se constitui o dentro e o fora.

Para a psicanálise, da mesma forma que não há realidade objetiva a ser observada, não há também objeto observável fora da relação inter-subjetiva, por isto o par sujeito/objeto deve ser substituído pelo par sujeito/sujeito, sobretudo se

14. Eliane R. Moraes. Anotações do curso sobre o Princípio do Mal em George Bataille, ministrado na PUC-SP em 29.10.97.

15. A Ciccone. Op. cit., p. 59.

considerarmos que a pesquisa verdadeiramente psicanalítica se dá no espaço da transferência. Melhor dizendo, a fonte, a matéria-prima, de toda e qualquer pesquisa psicanalítica está na experiência clínica e esta, por sua vez, se estabelece numa relação transferencial.

Talvez esta seja uma discussão que as ciências, de um modo geral, precisem enfrentar em vez de denegarem que o conhecimento científico seja subjetivo. O conhecimento acumulado ao longo desses 100 anos de psicanálise sobre o sujeito e a constituição da subjetividade lhe outorga um lugar de autoridade sobre o assunto, capaz de fornecer respostas sobre aqueles pontos considerados, por outras disciplinas, impasses.

### Bibliografia

- FREUD, S. (1937). “Construcciones en el análisis”. *Obras Completas*, vol. XXIII. Buenos Aires, Amorrortu, 1996.
- HAHN, Hans; NEURATH, Otto e CARNAP, Rudolf. *A concepção científica do mundo – Círculo de Viena. Dedicado a Moritz Schlick*. Publicação com apoio da FAPESP (referências bibliográficas incompletas), Prefácio.
- QUEIROZ, Edilene. “Considerações sobre o lugar do corpo na organização perversa”. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*. Vol. II, nº 1, março de 1999.

### Resumos

*El presente trabajo visa discutir la pesquisa psicopatológica e partir de la posición epistemológica de la psicoanálisis y de la psicopatología. Por lo tanto se apoya en la distinción de dos campos: el campo de la realidad objetiva y el campo de la realidad psíquica o subjetiva. El primero pertinente a la tradición de la ciencia, tan presente en el espacio de la academia, y el segundo como próprio de las ciencias que buscan dar cuenta del psicopatológico. A la luz de dos textos de Freud, “La negación” y “Construcciones en análisis”, extienden esa discusión al campo de la representación.*

**Palabras llave:** Psicopatología, ciencia, Freud, representación.

*Le présent travail a comme but de discuter la recherche psychopathologique dans une perspective d'épistémologie de la psychanalyse et de la psychopathologie. Il s'appuie ainsi sur la distinction entre deux champs: le champ de la réalité objective et le champ de la réalité psychique ou subjective. Le premier appartient à la tradition de la science prise dans son sens académique, le deuxième se rapporte aux sciences que essayent de rendre compte du psychopathologique. Et en abordant principalement les*

*deux textes de Freud, “La dénégation” et “Constructions en psychanalyse”, nous discuterons finalement de champ de la représentation.*

**Mots clés:** Psychopathologie, science, Freud, représentation.

*This work aims to discuss psychopathologic research from an epistemologic point of view as taken by psychoanalysis and psychopathology. In order to do that it is based on the distinction between two work fields: objective reality and psychic or subjective reality. While the former is related to scientific tradition, strongly present in academic work, the later is closely related of those sciences dealing with psychopathology. Based on two works by Freud, “Negation” and “Constructions in analysis”, this work extends this discussion to the field of representation.*

**Key words:** Psychopathology, science, Freud, representation.